

ENTREVISTA COM MÁRIO EDUARDO COSTA PEREIRA: ANGÚSTIA, TEMPORALIDADE E OS DESAFIOS DA PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

INTERVIEW WITH MÁRIO EDUARDO COSTA PEREIRA:
ANXIETY, TEMPORALITY AND THE CHALLENGES
OF CONTEMPORARY PSYCHOANALYSIS

ENTREVISTA CON MÁRIO EDUARDO COSTA
PEREIRA: ANGUSTIA, TEMPORALIDAD Y LOS DESAFÍOS
DEL PSICOANÁLISIS CONTEMPORÁNEO

Mário Eduardo Costa Pereira¹

Resumo: Nesta entrevista, Mario Eduardo Costa Pereira discute as relações entre angústia e temporalidade no mundo contemporâneo, partindo da ideia de um “colapso da temporalidade”, no qual o futuro tende a ser vivido menos como abertura do possível e mais como horizonte de ameaça, fechamento e catástrofe. A reflexão aborda as transformações sociais, econômicas, tecnológicas e ambientais que atravessam as formas atuais de sofrimento e interroga os desafios que elas colocam à psicanálise. Ao examinar as condições históricas de constituição da própria prática psicanalítica, a entrevista discute a necessidade de uma escuta capaz de sustentar a singularidade do sujeito sem separá-la das condições históricas, políticas e culturais que participam de sua constituição. Nesse contexto, a experiência analítica é pensada como um espaço possível de elaboração do sofrimento e de reconstrução de uma temporalidade aberta ao desejo e ao futuro.

Palavras-chave: Angústia. Temporalidade. Psicanálise. Sujeito. Contemporaneidade.

Abstract: In this interview, Mario Eduardo Costa Pereira discusses the relationship between anxiety and temporality in the contemporary world, taking as a starting point the idea of a “collapse of temporality”, in which the future tends to be experienced less as an opening toward possibility and more as a horizon of threat, closure, and catastrophe. The discussion addresses the social, economic, technological, and environmental transformations that shape contemporary forms of suffering and examines the challenges they pose to psychoanalysis. By considering the historical conditions in which psychoanalytic practice itself emerged, the interview discusses the need for a mode of listening capable of sustaining the singularity of the subject without separating it from the historical, political, and cultural conditions that participate in its constitution. In this context, the analytic experience is conceived as a possible space for working through suffering and reconstructing a temporality open to desire and the future.

Keywords: Anxiety. Temporality. Psychoanalysis. Subject. Contemporary world.

¹ Psicanalista e psiquiatra. Professor titular em Psicopatologia Clínica pela Université de Provence / Aix-Marseille I, na França, e livre-docente em Psicopatologia pela Unicamp. ORCID: 0000-0002-7975-8863. E-mail: pereiram@unicamp.br

Resumen: En esta entrevista, Mario Eduardo Costa Pereira discute las relaciones entre angustia y temporalidad en el mundo contemporáneo, tomando como punto de partida la idea de un “colapso de la temporalidad”, en el que el futuro tiende a ser vivido menos como apertura de lo posible y más como horizonte de amenaza, cierre y catástrofe. La reflexión aborda las transformaciones sociales, económicas, tecnológicas y ambientales que atraviesan las formas actuales de sufrimiento e interroga los desafíos que estas plantean al psicoanálisis. Al examinar las condiciones históricas de constitución de la propia práctica psicoanalítica, la entrevista discute la necesidad de una escucha capaz de sostener la singularidad del sujeto sin separarla de las condiciones históricas, políticas y culturales que participan en su constitución. En este contexto, la experiencia analítica es pensada como un espacio posible de elaboración del sufrimiento y de reconstrucción de una temporalidad abierta al deseo y al futuro.

Palabras clave: Angustia. Temporalidad. Psicoanálisis. Sujeto. Contemporaneidad.

– 1. EM SUA FALA NA 20ª JORNADA DA SIGMUND FREUD ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA, APARECE A FORMULAÇÃO DE UM “COLAPSO DA TEMPORALIDADE”. COMO PODEMOS COMPREENDER ESSA IDEIA?

O tema geral do encontro da SIG em Porto Alegre foi a angústia, e a angústia é um afeto conectado ao tempo. É um afeto que se volta para o futuro: antecipamos que algo ruim, que não conseguimos delimitar com clareza, apresenta-se como perigo, como ameaça prestes a acontecer. Essa antecipação é construída com as marcas do passado, dos traumas, das situações de desamparo e de perigo. A angústia, portanto, implica uma relação com o desamparo e com o traumático, acompanhada pela expectativa de que aquilo possa se recolocar.

Algo semelhante ocorre com o desejo, que também se orienta para o futuro. Buscamos algo que possa nos realizar, trazer satisfação ou aplacamento. Olhamos para o futuro com as marcas das satisfações e daquilo que ficou inscrito como experiência de bem. O futuro surge, então, como abertura, como campo do possível, mas também como campo tanto do perigo quanto da satisfação possível. No campo da angústia, há a sensação de que o perigoso já conhecido pode retornar. Ao mesmo tempo, o futuro permanece como o campo daquilo que pode se resolver ou dar certo.

No mundo tal como o conhecíamos, havia uma dimensão subjetiva do futuro ligada à abertura e à finitude. Um dia a vida termina. Para Freud, a finitude era uma questão mais racional do que emocional, porque não temos, no inconsciente, a representação da própria morte. Podemos nos representar mortos a partir de imagens da morte, mas ninguém esteve morto para poder representar a própria experiência de estar morto. Assim, representamos a morte com as marcas da vida, da castração, do abandono, do desamparo e do trauma, ou então com imagens de paz, realização e céu. São construções imaginárias constituídas a partir do que nos marcou.

O essencial é que essa representação permanecia aberta. Não contávamos, concretamente, com o fim do mundo. Hoje, porém, estamos em um momento da história da humanidade no qual o fim do mundo não é apenas uma abstração ou uma fantasia. Há a crise climática, as transformações ambientais e o risco de guerras envolvendo grandes potências nucleares. Para a nossa geração, a questão do fim dos tempos deixou de ser uma fantasia remota.

Isso aparece, por exemplo, em casais que não querem ter filhos porque se perguntam por que colocariam uma criança em um mundo ameaçado por catástrofes, guerras ou falta de condições ambientais de vida. Trata-se de uma questão radical: como encarar o horizonte do fim, não apenas da própria vida, mas da geração, dos filhos, dos netos e da humanidade? Essa questão sempre foi relativamente abstrata; para nossa geração, já não é.

Diante disso, surgem posições extremas, entre elas o negacionismo: afirma-se que não há crise ecológica, crise climática ou risco de guerra nuclear. Ao mesmo tempo, as

transformações tecnológicas colocam em questão o lugar futuro de grandes contingentes humanos. A automação e a inteligência artificial podem eliminar postos de trabalho em uma escala maior do que aquela em que criam novas ocupações. Já vemos grandes extensões de terra administradas por poucas pessoas e muita tecnologia.

Temos, portanto, um horizonte social, político e histórico em que se torna cada vez mais difícil antecipar que haverá um lugar para todos no futuro. No campo da psicanálise, que historicamente lida mais diretamente com setores burgueses, essa ameaça pode não ser sentida com a mesma intensidade. Quem tem acesso ao capital ainda pode supor que encontrará formas de sobreviver. Mas existem massas que começam a perceber que talvez não haja lugar algum reservado para elas.

É nesse sentido que podemos falar de um colapso da temporalidade: o futuro deixa de operar predominantemente como abertura e passa a ser vivido como fechamento, ameaça ou catástrofe.

– 2. QUANDO O PRESENTE É VIVIDO SOB O SIGNO DA URGÊNCIA E O FUTURO SE APRESENTA COMO CATÁSTROFE, QUE CONDIÇÕES TORNARIAM POSSÍVEL TRANSFORMAR O EXCESSO TRAUMÁTICO EM LIGAÇÕES PSÍQUICAS? QUE LUGAR A EXPERIÊNCIA ANALÍTICA PODE OCUPAR NA RECONSTRUÇÃO DE UMA TEMPORALIDADE POSSÍVEL?

Essa pergunta é fundamental, porque coloca o lugar da psicanálise diante da situação contemporânea.

Quando a psicanálise surge, na passagem do século XIX para o XX, encontra uma estrutura social e econômica relativamente estabelecida. Havia um capitalismo moderno, uma sociedade organizada entre patrões e empregados e um sistema colonial. A Europa se apresentava como modelo de civilização, herdeira da racionalidade grega e romana e investida da tarefa de civilizar o restante do mundo.

A psicanálise nasce nesse ambiente capitalista e eurocêntrico. Não nasce em um meio proletário ou pobre. O caso de Anna O. é muito expressivo: Josef Breuer, médico de grande prestígio na sociedade vienense, atendia uma paciente pertencente à alta burguesia em sua própria residência e com extraordinária frequência. Era um tratamento incompatível com as condições materiais da maior parte da população. A prática privada de Freud também dependia em grande medida de pacientes com condições materiais para sustentar tratamentos frequentes e prolongados, entre os quais se encontravam membros das elites sociais e culturais europeias.

Quando a psicanálise chega ao Brasil, ocorre algo semelhante. Ela não chega primeiro às periferias econômicas e sociais, mas aos consultórios das regiões mais abastadas. Portanto, é preciso reconhecer que a psicanálise se constituiu dentro de um mundo muito específico. A questão é o que acontece quando esse mundo entra em crise ou, talvez mais precisamente, quando sua lógica chega ao paroxismo.

Vivemos um capitalismo que concentrou progressivamente poder e renda. Um pequeno número de bilionários ligados às grandes empresas de tecnologia reúne recursos superiores aos de muitos países. Já não estamos em uma situação na qual a promessa de que o trabalho e o mérito conduzirão a uma posição estável seja minimamente crível para todos. Torna-se cada vez mais explícito que, para sobreviver nesse mundo, o dinheiro é decisivo.

A própria reflexão freudiana sobre a cultura ainda podia tomar como referência a necessidade de ligações coletivas capazes de oferecer alguma proteção diante do desamparo. Hoje habitamos um mundo marcado pelo individualismo, pelo narcisismo e pela fragilização dos projetos coletivos. A salvação é apresentada como individual ou familiar. Cada sujeito recebe a obrigação de ser feliz, produtivo e bem-sucedido.

Como ficam o sofrimento e a angústia quando tudo é colocado sobre o indivíduo?

Em determinadas cosmologias ameríndias, por exemplo, montanhas, rios, animais e humanos podem participar de redes de relações que não correspondem à separação moderna entre sujeito e natureza. Nessa perspectiva, a morte individual não representa necessariamente um desaparecimento absoluto, porque algo continua no mundo compartilhado. Nossa tradição dominante seguiu outro caminho: a razão se apropria do mundo para objetivos considerados racionais, e o mundo deixa de ser um lugar sagrado para se tornar recurso.

A experiência analítica pode contribuir para reconstruir uma temporalidade possível desde que não reduza o sujeito a um indivíduo isolado e não transforme o sofrimento em simples falha de adaptação. É preciso escutar como o excesso traumático se inscreve singularmente, mas também reconhecer as condições históricas, econômicas, políticas e culturais que o produzem.

A análise não pode prometer eliminar a realidade do perigo, mas pode favorecer ligações, palavras e posições subjetivas que retirem o sujeito da pura urgência e da repetição automática. Isso exige também que a própria psicanálise se interrogue sobre suas condições de origem, seu público e suas formas de transmissão.

A possibilidade de oferecer uma experiência de elaboração depende de sustentar um espaço em que o tempo não seja inteiramente colonizado pela produtividade e pelo consumo. Nesse sentido, a análise pode constituir um lugar em que algo da experiência seja retomado, narrado e ligado, permitindo que o futuro volte a conter alguma abertura, ainda que não seja uma promessa garantida.

– 3. CONSIDERANDO QUE A PSICANÁLISE SE CONSTITUIU HISTORICAMENTE COMO UMA PRÁTICA VINCULADA ÀS ELITES ECONÔMICAS E QUE HOJE VIVEMOS UM APROFUNDAMENTO DAS DESIGUALDADES E UMA CONCENTRAÇÃO INÉDITA DE PODER E RENDA, COMO SUSTENTAR UMA ESCUTA DA ANGÚSTIA CONTEMPORÂNEA SEM DESCONSIDERAR OS DETERMINANTES SOCIAIS E POLÍTICOS QUE ATRAVESSAM O SUJEITO?

A primeira pergunta é: quem são os nossos pacientes?

A resposta depende da posição que ocupamos na psicanálise. No Brasil, em certo sentido, houve uma posição de vanguarda. Talvez tenha sido uma das psicanálises que mais se democratizou. Em vários contextos nacionais, a psicanálise perdeu a centralidade institucional que chegou a possuir em outros períodos. No Brasil, na Argentina e no Uruguai, ela ainda mantém presença importante, e começam a surgir práticas nas periferias econômicas, geográficas e sociais, inclusive experiências de psicanálise de rua dirigidas a pessoas que permaneciam inteiramente à margem.

O tipo de paciente que chega depende, portanto, do lugar em que cada analista se situa. Quando recebemos pacientes mais abastados, encontramos frequentemente crises do narcisismo. O sujeito busca algo prometido pelo sistema: se conquistar e acumular o suficiente, alcançará satisfação e reconhecimento. Entretanto, essa chegada nunca se completa. Surgem angústia, insônia e depressão, seja porque ele não alcançou o que buscava, seja porque uma crise pessoal ou econômica rompeu a estabilidade que parecia garantida.

Esses pacientes, muitas vezes, procuram mais alívio do que uma aproximação do próprio desejo. O início da análise torna-se decisivo porque o sujeito pode não estar buscando uma análise no sentido de interrogar sua fantasia, seu desejo e suas questões traumáticas. Ele procura alívio para voltar ao campo de batalha, para recuperar produtividade e reconhecimento.

Hoje, uma forma básica de reconhecimento é narcisista. Nas redes sociais, o sujeito exhibe o que conquistou, o que come, os lugares que frequenta e os sinais de valorização fálica. Alguém pode ir a um museu e passar mais tempo fotografando os quadros do que os

apreciando, porque o ato de postar se torna mais importante do que a experiência. O reconhecimento do olhar, da admiração ou da inveja do outro sustenta, por tabela, o próprio valor narcisista.

Muitos pacientes nos procuram justamente quando esse circuito entra em crise. A situação contemporânea torna mais visível que o sujeito da psicanálise é singular, mas também histórico, político e cultural. Aquilo que antes podia parecer secundário torna-se central.

A questão ecológica é um exemplo. Nos anos 1970, os partidos verdes acreditavam que a ameaça ecológica produziria um freio estrutural no capitalismo, pois não seria possível transformar o mundo inteiro em mercadoria sem colocar em risco a sobrevivência coletiva. Imaginava-se que, diante do fim, a civilização seria obrigada a negociar. Cinquenta anos depois, não parece que esse freio tenha sido efetivamente colocado.

Nesse ponto, a pulsão de morte adquire uma atualidade inquietante. Retomando uma formulação que se tornou conhecida na crítica contemporânea, parece mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. A própria decisão de não ter filhos pode expressar a impossibilidade de imaginar um mundo compartilhado a ser transformado. Em vez de pensar em educar alguém para participar de uma mudança coletiva, o sujeito restringe-se à tentativa de proteger o que é seu.

Os pacientes chegam com impasses relacionados ao sentido da vida, ao sucesso exigido, ao fracasso, à perda do emprego e às crises das posições tradicionais de poder. Um homem que perde o trabalho aos cinquenta anos pode entrar em uma crise fálica, começar a beber e sentir-se desprovido de valor. Outro pode procurar análise quando perde a estabilidade familiar que sustentava uma posição patriarcal.

São conflitos singulares, mas inseparáveis das formas de reconhecimento e das estruturas sociais que lhes conferem sentido.

Por isso, a psicanálise precisa recusar a divisão simplista segundo a qual, de um lado, estariam a política, a sociedade, a história e a religião e, de outro, a pessoa e seus conflitos privados. O sujeito que encontramos é simultaneamente singular e situado. A pessoa é a ponta do iceberg, o ponto pelo qual emerge uma trama muito mais ampla.

Isso não significa substituir a escuta analítica por uma explicação sociológica ou atribuir uma causa coletiva uniforme a todos os sofrimentos. Trata-se de sustentar a singularidade sem desmentir o mundo compartilhado.

A abstinência analítica não equivale à neutralidade diante da realidade. O analista precisa reconhecer suas próprias determinações, limites e implicações, e o tripé da formação continua sendo fundamental para sustentar uma escuta da alteridade.

Um exemplo simples é a insônia. Recebemos a insônia caso a caso no consultório, e cada caso tem sua história, sua fantasia e seus conflitos. Mas, quando uma parcela enorme da população não consegue dormir, é preciso perguntar que sociedade é essa na qual tantas pessoas não conseguem colocar a cabeça no travesseiro e repousar.

A insônia é um sintoma da pessoa, mas também um sintoma do mundo.

O desafio contemporâneo exige grandeza da psicanálise. Os problemas que tratamos estão imbricados em condições coletivas muito presentes em nossa vida. A psicanálise continuará tendo algo a oferecer se puder atualizar suas formas de escuta sem abandonar o rigor de sua clínica, articulando a história singular e o tempo histórico, o inconsciente e o mundo.